

Discurso Reitor [01.03.2021]

Dirijo as minhas primeiras palavras ao nosso laureado deste ano, Sua Eminência Reverendíssima Dom José Tolentino de Mendonça, a quem quero endereçar os meus sinceros parabéns.

Figura ímpar no plano nacional e internacional, com uma carreira académica de excelência e uma riquíssima obra cultural e literária, José Tolentino de Mendonça é um homem de esperança na Humanidade, personificando os valores pelos quais a Universidade de Coimbra se rege e que constituirão uma base inalienável para a saída das várias crises que enfrentamos.

Enquanto Presidente da Comissão das Comemorações do Dia de Portugal no ano transato, relembro como marcante foi a sua intervenção (entretanto publicada no livro “O que é amar um País”) sobre como a pandemia da COVID-19, e passo a citar, nos “obriga, como comunidade, a refletir sobre a situação dos idosos” e “implica robustecer o pacto intergeracional”.

Palavras sábias de um homem bom!

Gostaria de deixar uma nota de agradecimento aos membros do Júri de Seleção do Prémio UC 2021: Inês Oom de Sousa (Administradora do Banco Santander); Domingos de Andrade (Administrador da Global Media e Diretor-Geral editorial do DN, JN e TSF); Sofia de Menezes Frère (Diretora do Santander Universidades); Inês Cardoso (Diretora do Jornal de Notícias); Luís Neves (Vice-Reitor da UC e Professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia); Pedro Gonçalves (Membro do Conselho Geral da UC e Professor da Faculdade de Direito); Matilde Lavouras (Membro do Conselho de Gestão da UC e Professora da Faculdade de Direito) e Jorge Castilho (Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra).

Como não poderia deixar de ser, saliento igualmente a parceria de sucesso na prossecução deste Prémio com o Santander Universidades e o Global Media Group, desejando que a mesma possa continuar a distinguir nomes reputados da cultura e da ciência que tanto têm contribuído para o desenvolvimento de Portugal e do mundo.

Permitam-me que, no início desta minha intervenção, envie também uma saudação especial aos 177 novos doutores que no ano de 2020 alcançaram na UC o mais elevado grau académico. A todos, sem exceção, desejo que a formação avançada proporcionada permita alcançar os percursos de vida que terão certamente idealizado. O vosso sucesso é o nosso sucesso.

Saúdo igualmente os 72 colegas da nossa comunidade académica que se jubilaram ou aposentaram em 2020. ► Quaisquer elogios serão manifestamente insuficientes para exprimir a nossa gratidão por uma vida de dedicação a esta instituição.

Para todos os que em 2020 interromperam a sua ligação laboral ou académica com a UC, nunca será demais lembrar o nosso lema: “uma vez UC, para sempre UC”.

Faz agora precisamente um ano, a Universidade de Coimbra celebrava os seus 730 anos, neste mesmo local, num ambiente festivo como é tradição. Em contraponto, numa época cinzenta como a que vivemos, faço questão de frisar que a Universidade de Coimbra assinala, não festejando, os seus 731 anos de existência.

À solidão inerente ao cargo de Reitor, junta-se hoje a solidão de estar na Sala Grande dos Atos a discursar para os cadeirais e uma teia desprovidos do habitual calor humano. É um momento duro e singular, mas é igualmente a prova provada de que não foi por acaso que a Universidade de Coimbra, tendo ao longo da sua secular existência passado por muitos outros momentos difíceis, nunca se deixou abater, mostrando a sua resiliência e sabendo sair desses momentos sempre mais forte. Foi assim no passado, será assim no presente e continuará a ser assim no futuro.

Esta é a identidade UC.

Como Reitor da Universidade de Coimbra, entendo ser este o local e o momento adequados para institucionalmente deixar uma palavra de pesar pelas perdas humanas e dirigi-la, em especial, às famílias enlutadas que se viram privadas dos seus entes queridos que partiram vítimas desta pandemia que assola a humanidade. Do mesmo modo, é igualmente este o local e o momento para agradecer a todos os profissionais de saúde, segurança e proteção civil que, na linha da frente do combate à COVID-19, têm sido inexcedíveis no empenho, dedicação, esforço e superação, que tão generosamente vêm colocando ao serviço dos seus concidadãos.

O primeiro caso de COVID-19 em Portugal foi diagnosticado fará amanhã um ano. A onda pandémica já infetou praticamente 1 milhão de portugueses, ceifando a vida a mais de 15 mil pessoas. Números assustadores e que instalam um clima de insegurança principalmente entre aqueles com saúde mais vulnerável.

A par desta calamidade, veio igualmente a acompanhar uma crise social e económica. Os resultados desta disrupção da normalidade também aqui são evidentes: neste momento, assistimos a uma contração do Produto Interno Bruto em cerca de 7.6%, a um crescimento da dívida pública para os 270 mil milhões de euros e a uma subida da taxa de desemprego que se situa nos 6.8%.

As nefastas consequências desta pandemia ainda não atingiram o seu pico, e agora não me refiro ao contexto sanitário ou económico. O impacto social será verdadeiramente tremendo. Estamos a falar de inúmeras terapias e intervenções clínicas adiadas para dar prioridade ao tratamento dos doentes COVID-19. Estamos a falar de pessoas de todas as idades com uma saúde mental progressivamente degradada ao longo dos sucessivos períodos de confinamento. Estamos a falar de uma geração inteira de jovens que viram, de alguma forma, o seu percurso escolar ou académico perturbado pelas incertezas. Estamos a falar da enorme perda nas áreas da cultura e do desporto que viram a sua atividade regular restringida. Estamos a falar da privação de bens de primeira necessidade fruto da perda de rendimentos e de empregos.

Claro que a adaptação a que todos foram compelidos também mostrou novas formas de ver o mundo: renovadas possibilidades de nos conectarmos por via do digital, fosse em contexto de trabalho ou de fomento das relações interpessoais; impactos evidentes da significativa diminuição da poluição; foco maior no reforço do Serviço Nacional de Saúde; interesse acrescido pelo acompanhamento da descoberta científica; ou mesmo valorização da inovação como arma principal para nos dar mais e melhor resistência a este tipo de eventos.

Contudo, o balanço social será sempre extremamente negativo e, pior, imensurável relativamente à intensidade dos seus efeitos e, igualmente, ao tempo que levaremos a restabelecermo-nos. Até porque não há qualquer hipótese de voltarmos ao ponto inicial pré-pandemia.

Ainda assim, apesar de acreditar que nos esperam tempos difíceis, acredito igualmente que haverá esperança num mundo recuperado e renovado pela Humanidade, alicerçado no crescimento inteligente, sustentável e inclusivo.

As universidades, por natureza, são as fiéis depositárias e transmissoras do conhecimento que promoverá esta regeneração. Os principais atores do sistema de ensino superior empenharam-se para dar a melhor resposta possível na defesa da saúde pública das comunidades académicas, prosseguindo ao mesmo tempo as suas principais missões de ensinar, investigar e inovar.

A Universidade de Coimbra, em particular, envidou esforços para garantir uma transição suave para modelos digitais, nunca esquecendo o apoio social a quem dele mais necessita. Distribuímos equipamentos informáticos a estudantes privados desses meios, entregámos refeições sociais a infetados em confinamento, lançámos uma linha de apoio emocional para ajudar a gerir a ansiedade decorrente do isolamento, fabricámos viseiras e produzimos máscaras para proteção comunitária, instalámos uma unidade de alta segurança dedicada à realização de testes de diagnóstico, entre muitas outras iniciativas. E contamos sempre com um largo grupo de investigadores e voluntários comprometidos com a procura de soluções que viriam fazer parte da resolução desta catástrofe sanitária.

Um trabalho hercúleo de investigadores, docentes, corpo técnico e estudantes, que sem hesitarem não só mantiveram acesa a chama transformadora de uma universidade secular, como provaram a relevância indispensável da Academia em tempos de penumbra. Quero prestar, simbolicamente neste discurso, uma homenagem a toda a comunidade académica da Universidade de Coimbra que heroicamente enfrentou – e continua a enfrentar – esta crise sem precedentes, apesar do natural desgaste físico e psicológico e do difícil contexto particular de cada um e de cada uma de vós. O meu profundo agradecimento por nos mantermos unidos nesta adversidade.

Permitam-me, no entanto, que, com toda a frontalidade, enderece duas singelas mensagens:

Esperança: quero deixar aqui inequivocamente uma mensagem de esperança, porque acredito que em breve a pandemia mais não será do que uma memória recente.

Alerta: quero deixar aqui inequivocamente uma mensagem de alerta, porque espero que a sociedade perceba quão efémera é a situação que vivemos por comparação com aquilo que será a pandemia das pandemias, caso não encaremos de forma responsável a problemática das alterações climáticas.

Acredito verdadeiramente em que podemos estar perante um ponto de viragem decisivo e definitivo. Quer pelo enorme erro que significaria cometermos as mesmas falhas de forma repetida, quer pela oportunidade única que teremos coletivamente de mudar o rumo das nossas vidas. E as futuras gerações irão desempenhar um papel central nesta transformação.

Sempre o disse e volto a afirmar: os estudantes são a alma de uma universidade. Pelas novas ideias, pela irreverência, pela motivação que transportam. E são-no, ainda mais, numa universidade de investigação aberta ao mundo, como sucede com a Universidade de Coimbra. Estas gerações de jovens podem e devem ser o motor da renovação do atual modelo de sociedade. Já não são apenas a geração mais formada e qualificada de sempre: foram também sujeitos a uma provação nunca antes vista no nosso período de vida.

A urgência, enquanto Humanidade, de ambicionarmos o bem-estar social, económico e ambiental, tal como preconizado nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável plasmados na Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas, tem de ser rapidamente concretizada pensando principalmente nos impactos de longo prazo das várias decisões de políticas públicas dos nossos dias.

Infelizmente, várias gerações cometeram o erro de não medir a consequência dos atos praticados para além do tempo presente. Por desconhecimento sobre as reais influências de determinadas ações ou por pura negligência. E o SARS-CoV-2 colocou a nu ambas as realidades da forma mais dramática possível, num intervalo de tempo extremamente curto.

Para salvaguardamos a Humanidade, deve imperar a nossa capacidade de pensar em quem ainda nem sequer nasceu e que, por isso mesmo, ainda nem voz tem para criticar a forma como governamos atualmente o mundo. É nossa obrigação, no fundo, garantir

que as decisões hoje tomadas não irão comprometer a vida dos nossos descendentes no amanhã.

Num momento em que Portugal receberá mais de 60 mil milhões de euros para se reerguer, esta é a altura para concretizarmos as prioridades de desenvolvimento do país com base em critérios inteligentes, sustentáveis e inclusivos, criando a esperança de que tanto precisamos. E, para isso, as universidades terão de ser convocadas a construir este novo futuro.

Tenho repetidamente afirmado que, mais do que subsidiar as universidades, aquilo que é fundamental é que não lhes seja impedida a apresentação de candidaturas competitivas independentemente das áreas consideradas. ► Alguém compreende que a Universidade de Coimbra não possa ter acesso a financiamento competitivo, a par de outras entidades públicas e privadas, em áreas como a saúde, o ambiente, a energia, a digitalização ou o património?

Esta é uma oportunidade única: entre 2021 e 2029, estaremos perante 11.2 mil milhões de euros do Portugal2020, 16.4 mil milhões de euros em subvenções do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) e 33.6 mil milhões de euros do próximo quadro financeiro plurianual (PT2030).

Perante tal avalanche de meios, estou convicto de que o país só conseguirá atingir os seus objetivos se optar por um planeamento profissional, uma execução rigorosa, auditorias seletivas e sanções dissuasoras. E isto só se consegue colocando pessoas experientes nos lugares certos e não caindo na tentação do experimentalismo primário assente em filiações partidárias.

Gostaria ainda de deixar uma palavra para a necessidade de todo este pacote financeiro dever servir também para promover a coesão territorial. Temos um Ministério da Coesão Territorial e uma Ministra profundamente conhecedores desta temática.

A coesão territorial é uma ferramenta de democratização e de combate à desertificação, devendo por isso ser considerada em toda a sua amplitude.

Em específico, o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) cuja consulta pública termina à data de hoje, espelha de forma clara esses objetivos: visa providenciar uma

resistência renovada à sociedade, enquanto promove ambas as transições ambiental e digital. São 36 reformas e 77 investimentos no Serviço Nacional de Saúde, na Habitação, na Inovação, nas Qualificações, entre muitas outras.

A Universidade de Coimbra, em sede do Conselho de Reitores das Universidade Portuguesas (CRUP), deu o seu contributo ao longo de vários meses para que o documento agora em consulta pública pudesse refletir muitas das preocupações das instituições de ensino superior. A evolução do documento foi muito relevante e tenho de testemunhar o papel decisivo do nosso Ministro para a Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Objetivamente, quando se analisa o documento, devemos ser positivos e perceber que está bem construído. Não agrada a todos, e talvez ainda bem que assim seja. A minha preocupação e o meu apelo vão para a definição dos detalhes. Assisto e tenho conhecimento de demasiadas movimentações que me deixam preocupado. A Universidade de Coimbra irá manter-se atenta e ativa, fazendo sempre valer os seus direitos e cumprindo escrupulosamente com os seus deveres.

Reconhecendo que a reforma para a saúde mental ou o plano nacional de alojamento urgente e temporário sejam cruciais para as Academias, sublinho com especial interesse as vertentes da inovação e das qualificações, áreas-chave para o desenvolvimento societal em que as universidades podem e devem ter um papel central.

No campo da inovação, há muito a Universidade de Coimbra reclama uma forma diferente de pensar e executar esta missão, tendo a pandemia demonstrado que, sem um sistema científico e tecnológico robusto, será muito mais difícil enfrentar calamidades ou promover o crescimento sustentado em modelos disruptivos.

Relativamente às Qualificações, a reforma do ensino e das infraestruturas é urgente num novo contexto de transição ambiental e digital. Adaptar as formações também a quem já tem uma carreira profissional de longa duração com necessidade de reciclagem de conhecimentos, ou quantos, fruto da crise, foram obrigados a mudar radicalmente de área, pode e deve ser um imperativo nacional que não fique limitado ao ensino profissional. Apesar do esforço das instituições de ensino superior, urge o investimento na renovação dos espaços universitários para acompanharmos o passo da capacidade

evolutiva que a tecnologia constantemente nos exige para fazermos cumprir, finalmente, Bolonha.

A Universidade de Coimbra, por sua iniciativa, está a trilhar esse caminho reformista.

Existem claramente três momentos que devem nortear o nosso posicionamento estratégico: pré-pandemia, pandemia e pós-pandemia. No tempo pré-pandémico eram já notórias as insuficiências que urgia colmatar. O meu Programa de Candidatura a Reitor deu pistas muito claras e elas foram ainda mais densificadas no atual Plano Estratégico e de Ação da UC. A pandemia fez saltar à vista as nossas forças, mas também colocou a nu as nossas fragilidades. Houve um momento em que tivemos de nos adaptar rapidamente a uma nova realidade. Num segundo momento, porém, passámos a olhar já para o período pós-pandémico.

Para esse período pós-pandémico, é fundamental que a Universidade de Coimbra se reinvente, posicionando-se na fila da frente relativamente à descoberta do futuro.

Mantendo sempre presente que as pessoas são o seu ativo mais importante, temos de ser capazes de retirar de cada um de nós o melhor que cada pessoa pode dar ao coletivo. A ação social é uma prioridade para termos sucesso nos tempos que se avizinham. Como o é a nossa capacidade de implementar elementos distintivos de inovação pedagógica. O ambiente de sala de aula do futuro será diferente daquele com que convivemos no passado pré-pandémico. Por isso, a UC tem vindo a desenvolver as suas próprias plataformas digitais. A desmaterialização terá de ser total. A interoperabilidade entre os sistemas que utilizamos terá de ser completa. A automatização de processos e procedimentos tem de ser tão extensa quanto possível.

Seria fastidioso e inapropriado enumerar os múltiplos indicadores que nos fazem acreditar que estamos no caminho certo. No entanto, não poderei deixar de referir exemplos elucidativos disso mesmo.

Embora não estejam fechadas, posso adiantar que, com todas as medidas de contenção colocadas no terreno, e mesmo num ano muito complicado por ausência ou diminuição importante de fontes de receitas vultuosas, a UC conseguiu um exercício excecional no ano findo, equilibrado naquilo que são as despesas correntes e com saldo positivo

devido ao extraordinário comportamento no que diz respeito ao financiamento competitivo, nomeadamente projetos de investigação.

Em 2015 o valor agregado dos Projetos e Atividades em carteira rondava os 100M€, situando-se em 2020 num valor próximo dos 250M€.

Em 2020 a Universidade de Coimbra conseguiu atrair mais três ERCs (bolsas do European Research Council): duas Starting Grants (Bárbara Gomes – FMUC e Paulo Rocha – FCTUC/DCV) e uma Consolidator Grant (Patrícia Vieira - CES), num valor global superior a 6M€.

Iniciam precisamente hoje funções dois Investigadores Principais (Ira Milosevic e Nuno Raimundo) no âmbito do projeto Teaming MIA-Portugal, estando prestes a ser lançado o edital para a contratação do seu futuro Diretor Científico. Encontramo-nos há algum tempo à espera de que o Conselho de Ministros dê luz verde para que se iniciem os procedimentos concursais que levarão à construção do edifício do UC Biomed. Neste mega projeto, estamos literalmente a correr contra o tempo, razão pela qual espero que, interna e externamente, todos os responsáveis percebam que é o país que fica em causa caso não consigamos cumprir com os nossos compromissos.

Em 2019 a Universidade de Coimbra foi a entidade portuguesa pública ou privada que mais patentes registou (64). Em 2020, a Universidade de Coimbra subiu esse valor de 64 para 84. Só podemos por isso estar orgulhosos do trabalho dos nossos investigadores.

Não obstante o ano atípico que vivemos, concluiu-se em 2020 a reestruturação da Semana Cultural e o lançamento de novos Ciclos especializados, em Teatro e Artes Performativas (Mimesis) e em Música (Orphika). Com largas dezenas de iniciativas, a programação foi repartida por grupos da UC, da região e do país, dando expressão prática ao desígnio de abrir a Universidade à Cidade e ao trabalho em rede. Os espetáculos combinaram atividades presenciais e transmissão em ‘streaming’, mas foi também possível reunir 1.000 espectadores presencialmente, no Pátio da Universidade, no concerto de comemoração dos 730 anos: “73 Harpas no Mondego”.

É por isso com júbilo que anuncio para hoje o início da XXIII Semana Cultural da UC, dedicada este ano à “Humanidade”, e que incluirá espetáculos de música, teatro e dança, performances e exposições, instalações artísticas e atividades dedicadas ao público mais

jovem. Ainda que o contexto pandémico não nos permita, como desejaríamos, vivenciar presencialmente estas várias formas de arte, toda a programação pode ser acompanhada on-line, nos dias e horários previstos. Adicionalmente, as instalações artísticas e as exposições serão prolongadas no tempo, podendo assim mais tarde ser (re)visitadas no próprio local.

O dia de hoje fica marcado pelo Concerto de Abertura da Orquestra Académica da Universidade de Coimbra, numa formação mais curta (de Orquestra de Cordas), sendo a atuação transmitida on-line pelas 21h30 em uc.pt/culturaemdireto, a partir do local onde nos encontramos.

Porque Humanidade é Cultura e Cultura é Humanidade.

Estando cumprido metade do meu mandato, entendi ser o momento adequado para proceder às afinações necessárias para melhorar a eficiência organizacional da Universidade de Coimbra no cumprimento da sua missão.

Organicamente gostaria de dar a conhecer as principais alterações por mim efetuadas no sentido de conferir melhor capacidade de resposta a aspetos específicos do nosso funcionamento.

No âmbito da Investigação, foi criado o Serviço de Promoção e Gestão da Investigação (SPGI), constituído por duas divisões já existentes (Divisão de Apoio e Promoção da Investigação – DAPI, e Divisão de Projetos e Atividades – DPA), tendo como objetivo proporcionar um melhor apoio aos investigadores, promovendo a fluidez entre a submissão de projetos e a posterior execução financeira dos mesmos.

No âmbito da Comunicação, Marketing e Imagem, foi criado o Núcleo de Marketing (NMAR), que trabalhará em estreita articulação com a Divisão de Comunicação (DCOM), no sentido de conferir mais valor à Marca UC, sendo de destacar uma forte aposta na componente digital que, aliás, tem sido já notória nos tempos mais recentes.

No âmbito da componente financeira, foi criado o Gabinete de Auditoria e Prevenção de Riscos de Gestão, que responde diretamente ao Reitor. Esta estrutura irá garantir auditorias aleatórias e/ou cirúrgicas capazes de detetar precocemente inconformidades passíveis de serem alvo de censura por parte do Tribunal de Contas.

Cumprindo a palavra dada relativamente a um momento de transição, que entendi ser necessário para se proceder à reorganização interna e ao alinhamento estratégico de diversas Unidades de Extensão Cultural e de Apoio à Formação (UECAFs), irei hoje mesmo dar posse aos novos Diretores do Jardim Botânico (Doutora Teresa Girão), Museu da Ciência (Doutor Paulo Trincão), e Imprensa (Doutor Alexandre Dias Pereira). Mantendo-se a tutela nos Vice-Reitores que assumiram interinamente a Direção destas UECAFs (Doutores Luís Simões da Silva e Delfim Leão, respetivamente), queria aqui agradecer esse esforço adicional por eles efetuado ao longo dos últimos dois anos.

Relativamente à equipa reitoral, existirão pontualmente reajustes muito ligeiros nos pelouros originais, resultantes em grande medida da situação pandémica em que nos encontramos. A única alteração substantiva a realçar reside na tutela dos Serviços de Ação Social (SASUC), que transita da Vice-Reitora Cristina Albuquerque para o Vice-Reitor António Figueiredo. Esta alteração estrutural na equipa reitoral permitirá que possamos intervir de forma mais musculada em duas áreas-chave para o momento que vivemos: (1) o reforço da ação social, onde pretendemos continuar a garantir o melhor e o maior apoio possível aos nossos estudantes e, por outro lado, (2) proceder a uma aceleração das componentes estratégicas associadas à Inovação Pedagógica e à Atratividade de Estudantes Pré-Graduados, que ficarão a cargo da Vice-Reitora Cristina Albuquerque. Adicionalmente, considerando o facto de o Senhor Administrador da UC ser simultaneamente o Vice-Reitor com as pastas das Finanças e dos Recursos Humanos, decidimos reforçar a estrutura dirigente com a figura do Administrador Adjunto, lugar que será ocupado pelo Dr. Luís Bento Rodrigues, que assim acumulará esse cargo com o de Chefe de Gabinete do Reitor.

Antes de finalizar esta minha intervenção, quero agradecer a forma exemplar como os colegas da equipa reitoral têm desempenhado as suas funções sem se poupar a esforços. Agradecimento extensível à equipa de assessores que muito nos têm ajudado a operacionalizar as políticas que pretendemos colocar no terreno.

Agradeço também a cooperação institucional prestada pelo Conselho Geral, na pessoa da sua Presidente, Conselhos de Gestão da UC e SASUC, Provedor do Estudante e membros do Senado. Um agradecimento especial às Unidades Orgânicas e UECAFs, na pessoa dos seus Diretores.

Aos Senhores Administradores da UC e dos SASUC e aos serviços da Reitoria, queria aqui deixar o meu agradecimento pela forma profissional e competente como têm desempenhado as vossas funções.

Termino agradecendo de forma sentida a todas as pessoas que compõem o universo do Grupo UC: estudantes, corpo técnico, investigadores e docentes. Só com o vosso inestimável contributo conseguiremos levar mais longe e elevar mais alto o nome da UC.

Votos de muita saúde!

Viva a Universidade de Coimbra.

Coimbra, Paço das Escolas, 01 de Março de 2021

O Reitor,

Amílcar Falcão